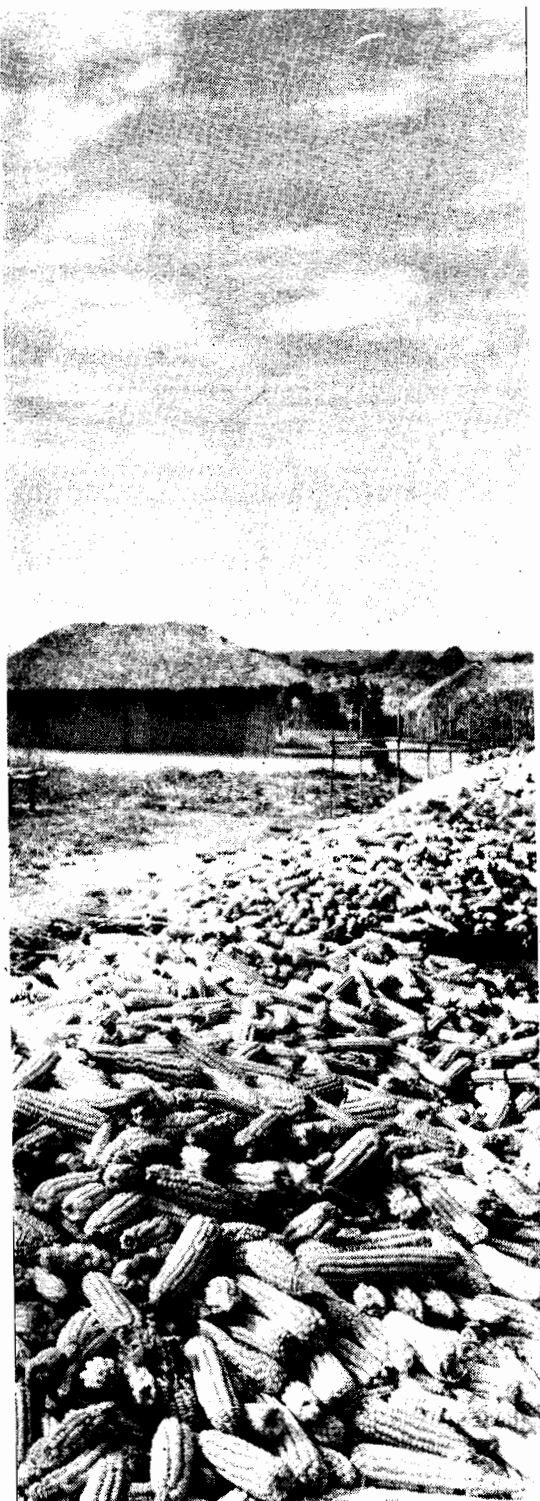


**Movimento cooperativo:**



**A SOCIALIZAÇÃO DA VIDA N**

29/7/79



# IO CAMPO

**Na aldeia comunal de Muária, distrito de Mecúfi, em Cabo Delgado, estão sendo dados os primeiros passos para o avanço do movimento cooperativo ali existente. A cooperativa de sal daquela aldeia, está fazendo um trabalho exemplar de forma a quebrar uma situação frequente em Cabo Delgado, em que certas cooperativas funcionam de tal maneira que acabam por ser um sector privado, isolado do colectivo da aldeia.**

**Mas antes de entrarmos na vida da aldeia comunal de Muária, vamos apontar alguns exemplos de como foram formadas algumas cooperativas noutras zonas do país, falar das suas características e dos seus objectivos que são, afinal, a socialização da vida no campo — base para o desenvolvimento rural.**



*Quando a liberdade chegou, os camponeses escolheram terrenos onde pudessem desenvolver melhor o trabalho agrícola, criando cooperativas. Muitos donos locais pertenceram a ex-latifundiários. Na foto, camponeses da cooperativa agrícola Samora Machel, do distrito da Manhica, em Maputo*

— Em meados do ano de 1977 visitámos uma cooperativa agrícola situada a alguns quilómetros da sede distrital de Inharrime, em Inhambane. O trabalho decorria bem e as plantações prometiam resultados superiores aos conseguidos na colheita anterior.

A cooperativa começou com uma dezena de camponeses e um ano após a sua criação já tinha cerca de uma centena de cooperativistas. A zona onde estão as plantações, nos afluentes do rio Inharrime, antes não era habitada, pois pertencia a latifundiários. Em certas zonas vimos mato grosso onde leopardos e outros animais carnívoros selvagens viviam livremente, saciando a sua gula com a variedade de pequenos e grandes antílopes ali existentes.

Quando chegámos a um ponto alto, donde se pode mirar as águas azuis do rio, vimos camponeses construindo casas. Era uma aldeia comunal embrionária. Essa aldeia surgiu da necessidade de os cooperativistas passarem a viver perto das suas plantações, transferindo-se das zonas dispersas onde até aí viviam.

— No ano passado estivemos em algumas cooperativas de consumo, no campo, em Gaza, de entre as quais uma situada no distrito de Manjacaze, numa aldeia comunal. Essa cooperativa foi criada como as outras, por iniciativa e através da contribuição da população. As coisas andavam mal por lá. Sobretudo, o que mais lhes preocupava, diria na altura um dos cooperativistas, era que «não há transporte para os géneros da sede para aqui. É longe e nestas zonas só um tractor ou um jeep conseguem circular. Outra coisa que nos aborrece é que a loja do povo em Manjacaze abastece-nos mal».

— Em Cabo Delgado, na aldeia comunal de Milama, no distrito de Chiúre, uma cooperativa ganhou o prémio da Emulação Socialista numa campanha que decorreu no primeiro semestre deste ano, naquela província. Ela é formada por um conjunto de cooperativas subordinadas a uma mesma direcção nomeadamente de consumo, agrícola, cestaria e pesca.

## AS DIFERENTES SITUAÇÕES

Partindo dos três casos que apontamos, embora não caracterizem num todo o movimento cooperativo em Moçambique, podemos ver que na realidade esse movimento apresenta-se de formas e situações diferentes. Quer dizer, as cooperativas são basicamente formadas obedecendo à mesma orientação, mas ou pela situação geográfica ou por outras condições de vida social existentes em cada zona, umas, principalmente as de consumo, de lavandaria, de pesca ou ainda de alfaiates, sempre aparecem enquadradas numa aldeia comunal. As cooperativas agrícolas, salineiras, carpintarias e outras, ou seja, as que pela sua natureza exigem maior mão-de-obra, normalmente são formadas por pessoas que residem ou passam a viver numa aldeia comunal.

No caso da cooperativa agrícola, em Inharrime, como já vimos



*Há cooperativas que não estão enquadradas em aldeias comunais, dado que as suas características não exigem muita mão-de-obra. Um exemplo disso são algumas de pesca*

*Ao lado: Uma cooperativa de consumo, numa aldeia comunal em Gaza. Há cooperativas como esta que funcionam como se se tratassem de sectores privados entre o colectivo, o que está errado*



*Cooperativistas da carpintaria da aldeia comunal de Muária, em Cabo Delgado, falando-nos da forma como se desenvolve o seu trabalho. Quando todas as cooperativas daquela aldeia passarem a trabalhar juntas, a carpintaria vai deixar de ter falta de madeira*

ela aparece como um incentivo para a criação de uma aldeia comunal. E porquê? Os cooperativistas que a formam, dantes eram camponeses que vendiam, mal paga, a sua força de trabalho aos latifundiários que dominavam os terrenos mais férteis para as plantações ou criação de gado. Por essa razão, esses camponeses não tinham espaço para desenvolver o seu trabalho agrícola. E como meio de subsistência ou sujeitavam-se à exploração movida por esses latifundiários ou emigravam para as minas da África do Sul. Quando a liberdade chegou, a terra passou a pertencer a todos e por isso esses camponeses escolheram um local onde em conjunto passaram a trabalhar. O trabalho começou a dar bons frutos, mas para esses camponeses se deslocarem à machamba tinham de caminhar longas distâncias e as suas casas ficavam dispersas umas das outras. Daí que surgissem problemas de atrasos ou faltas de presença, o que começou a desmobilizar. Como solu-

ção, todos concordaram em construir uma aldeia comunal perto da machamba. Assim fizeram.

A já referida cooperativa de consumo, em Gaza, nasceu da necessidade de abastecer a população da aldeia em géneros alimentícios que ali não são produzidos e também porque para se deslocarem aos centros comerciais as distâncias são longas. A população que hoje vive naquela aldeia comunal, sempre viveu naquela zona e antes sujeitava-se à exploração movida por certos comerciantes que montavam tendas em todo o lado, com o apoio das autoridades coloniais. Com a evolução do processo revolucionário, foram obrigados a abandonar esses negócios sujos. Portanto, a criação daquela cooperativa de consumo foi para completar as infra-estruturas do novo tipo de vida na aldeia.

Quanto à unificação das diversas cooperativas da aldeia comunal de Milama, no distrito de Chiúre, em Cabo Delgado, numa só, isso significa que houve um avanço con-

siderável no movimento cooperativo daquela aldeia comunal. Mas para não dizermos apenas que a planta deu bons frutos sem dizer como ela foi plantada, pensamos que o trabalho que se está desenvolvendo ao nível das cooperativas da aldeia comunal de Muária, no distrito de Mecúfi, também naquela província, pode ser tomado como exemplo de como em Milama esse trabalho foi organizado.

#### MUÁRIA

Muária é uma aldeia comunal que se encontra numa fase de de-

senvolvimento tanto no tocante às condições habitacionais como em todos os outros sectores da vida produtiva dos aldeões da mesma.

Há cooperativa agrícola, salineira, cestaria, carpintaria e ainda a de consumo.

Quando a aldeia foi construída, os camponeses da mesma trabalhavam somente na machamba. Entre esses camponeses há pessoas com várias profissões ou conhecimentos de certos trabalhos. Daí que fosse necessário aproveitar essas pessoas criando outros sectores produtivos onde pudessem

desenvolver outras actividades de interesse para a vida da aldeia.

A cooperativa de carpintaria formou-se inicialmente com três carpinteiros. Fizeram muitos esforços para conseguirem avançar, como por exemplo ir à mata — dois dias de viagem e outros tantos para cortar estacas para adquirir madeira. Apesar disso, o trabalho foi-se desenvolvendo rapidamente, o que também mobilizou mais pessoas. Mas a sua forma de actuar não estava sendo correcta, porque trabalhavam isoladamente sem que ninguém soubesse o que estavam a produzir e para onde ia o fruto dessa mesma produção. Todavia essa situação está sendo ultrapassada através de um trabalho político desenvolvido na aldeia.

A cooperativa de sal, começou com 15 pessoas e agora tem 60, entre as quais 17 são do sexo feminino. Na primeira produção, em 1975, conseguiram extrair 26 500 quilos de sal (em 1978 a produção foi de 113 200 quilos) do qual tiveram um rendimento no valor de 47 700\$00.

Logo de início os salineiros daquela cooperativa demonstraram ser solidários para com os seus camaradas da aldeia, criando uma cooperativa de consumo, utilizando para tal metade do rendimento do seu primeiro trabalho, ou seja,



*Quithaleto Mahadura, esposa do chefe-adjunto da aldeia comunal de Muária, é uma das 17 cooperativistas da salineira. Ela diz que onde há organização não há parasitas*



*Cooperativa de sal de Muária. O trabalho dos cooperativistas daquele sector, têm servido de estímulo para os restantes camponeses daquela aldeia comunal*



*Entre os vários sectores de vida produtiva da aldeia comunal de Mbondje, em Cabo Delgado, há a cooperativa de artesanato em pau-preto*

cerca de vinte contos. Essa cooperativa foi criada para servir a todos os habitantes da aldeia de Muária.

#### AS VANTAGENS

Com a forma de procedimento dos cooperativistas das salinas da aldeia comunal de Muária, o movimento cooperativo naquela aldeia deu um passo deveras significativo. Eles não criaram por um mero acaso uma cooperativa de consumo. Viram que se tratava de superar uma dificuldade que afetava toda a aldeia.

Mas não é só nesse aspecto que a aldeia enfrenta dificuldades. Por exemplo, a cooperativa de carpinteiros de que falámos, actualmente vive o problema da falta de madeira. A maioria dos cooperativistas que hoje a formam não são aqueles primeiros que inicialmente adoptaram o princípio de contar com as próprias forças, ou seja ir à mata cortar e trazer troncos aos ombros. Poderíamos dizer que há falta de trabalho político naquela cooperativa e que com a introdução deste o problema seria solucionado. Mas o que realmente está em

causa é que as dificuldades que são vividas na cooperativa de carpinteiros, não são nem devem ser isoladas da vida da aldeia.

Um dos cooperativistas do sector de cestaria falando-nos sobre o assunto deu a conhecer o seu ponto de vista: «Partindo do exemplo que a cooperativa de sal nos deu ao criar a cooperativa de consumo para todos, penso que quando uma das nossas cooperativas estiverem a enfrentar dificuldades, as restantes devem dar auxílio.»

Tudo isto significa que é preciso criar estruturas na aldeia, que possam organizar, planificar, acompanhar o desenvolvimento e escoar a produção de cada sector. E os camponeses da aldeia comunal de Milama, fizeram exactamente isso. Unificaram numa só direcção as várias cooperativas numa só.

Numa outra aldeia comunal, em Mbondje, distrito de Ancuabe, também em Cabo Delgado, encontramos um tipo de vida bastante organizada. Era domingo quando lá fomos. Encontrámos todos os camponeses daquela aldeia reunidos para discutir a sua vida. Falavam do milho que já fora colhido e que algures estava a secar; do girassol que estava chegando a altura de colher; do trabalho próspero da cooperativa de artesanato em pau-preto; do parque infantil recentemente construído; da casa do fulano que precisava de ser matizada, etc.

Homens, mulheres, velhos e crianças, estavam presentes, todos interessados em saber o que foi feito em cada sector durante a semana finda. Já foram unificadas mas na prática, as cooperativas e outros sectores da vida produtiva daquela aldeia constituem uma só árvore que se alimenta através das mesmas raízes e tem vários ramos com flores e frutos.

O objectivo de todo esse processo que acabamos de descrever é a socialização da vida no campo e, as cooperativas das aldeias comunais, quando bem organizadas, são a base para o desenvolvimento dessas futuras cidades.

Texto de Narciso Castanheira  
Fotos de Carlos Alberto  
e arquivo